

**A gente não é. A gente vai [estamos] sendo**

*Nosotros no somos. Nosotros vamos [estamos] siendo*

Will Paranhos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Rio de Janeiro-Brasil

**Resumo**

O presente texto propõe-se, com base em um exercício difrativo iniciado na construção da tese da pessoa autora, a pensar a respeito de categorias metafísicas fixadas, tais qual a identidade. Para tanto, numa escrita que se origina da *escrivência*, da confluência e de uma catarse textual, pensamentos são expostos e compartilhados a fim de provocar incômodos naquelas que o leem, tomando por base a escrita *Travesti: una teoría lo suficientemente buena*, da pedagoga, psicóloga e travesti argentina Marlene Wayar (2021, p. 25, grifo da autora), que afirma: “[n]ão sou homem, não sou mulher, hoje vou sendo travesti”. A tal afirmativa, unem-se outras difrações de pesquisa, tensionadas pela leitura dos movimentos afetopolíticos de localização cuir, tornando-se possível, ao final, pensarmos: “A gente não é. A gente vai [estamos] sendo”.

**Palavras-chave:** Cuir; Identidade; Difrações.

**Resumen**

Este texto propone, a partir de un ejercicio difractivo iniciado en la construcción de la tesis de la persona autora, pensar en torno a categorías metafísicas fijas, como la identidad. Para ello, en una escrito que nace de la *escrivência*, la confluencia y una catarsis textual, se exponen y comparten pensamientos con el fin de causar malestar en quien lo lee, a partir del escrito de la pedagoga, psicóloga y travesti argentina, Marlene Wayar, *Travesti: una teoría suficientemente buena*, donde la autora afirma: “[n]o soy hombre, no soy mujer, hoy voy siendo travesti” (2021, p. 25). A esta afirmación se suman otras difracciones de investigación, tensionadas por la lectura de los movimientos afectopolíticos de localización cuir, permitiendo, al final, pensar que: “Nosotros no somos. Nosotros vamos [estamos] siendo”.

**Palabras clave:** Cuir; Identidad; Difracciones.

*A gente não é. A gente vai [estamos] sendo.*

### **1- Antes de “entrar”, assumir a responsabilidade perante a alteridade**

Tal qual como na ocorre na gira, onde esta encontra-se sempre, e desde sempre, iniciada (Rafael Haddock-Lobo, 2020), não girando em círculos, mas de modo espiralar (Leda Martins, 2021), ao adentrarmos a este movimento, nos colocamos em contato direto com e “Outre” por meio do olhar, em tentativa constante, e sempre constante, de abertura à alteridade. A gira não se inicia em dado momento, tornando impossível mesmo definir seu início. É essa (im)possibilidade que a constitui enquanto uma experiência de aporia, “[u]ma espécie de não experiência ou de experiência impossível que seria, ela mesma, a condição de impossibilidade de toda experiência possível” (Rafael Haddock-Lobo, 2013, p. 259).

Com nossa “entrada” na gira, produzimos um corte agencial (Karen Barad; Tereza Rocha, 2017) que acaba por dividir, mesmo que provisoriamente, os fenômenos que constituem o viver - ou aquilo que, metafisicamente, chamamos de “realidade” - possibilitando “lermos” os padrões de difração gerados neste movimento, perante certa indeterminação ontológica. Em virtude deste corte que é produtor, em certo sentido, de violência, temos de assumir nossa responsabilidade (Judith Butler, 2015) perante os efeitos por ele gerados. Assim, quero assumir perante e leitor minha responsabilidade em virtude este corte que produzo, a fim de tentar, mesmo que contingencialmente, ler alguns dos padrões de difração gerados a partir do movimento por mim proposto. Não tenho a intenção de que nada aqui seja tomado como “correto”, o que seria, na “verdade”, um desejo metafísico. Ao contrário, espero que tudo possa ser colocado “sob rasura” (Jacques Derrida, 2008), que tudo seja, mesmo que momentaneamente, suspenso, permitindo-nos - pois também me emaranho neste exercício - experienciar o estranhamento e perceber de que maneira o texto nos afeta. Justamente em função da “rasura” é que muitos termos serão colocados entre aspas (“”), em uma tentativa, e sempre tentativa, de escapar ou, ao menos, tentar demonstrar meu desejo de escape das normatizações e fixações que regulam a vida - e a morte - e que se expressam, inclusive e sobretudo, por meio da linguagem.

### **2- “Entrando” na gira**

Desde criança, uma criança viada com pulsões transgêneres – ainda compreendo ser mais “adequado” falar assim da minha infância, pois não sei ao certo se tenho pistas suficientes para dizer que “era”, naquele momento, uma criança trans –, eu sempre tive o ímpeto de causar. Nas apresentações da escola, na família, nos estudos, no teatro, minha corpa<sup>1</sup> fervilhava, vazava criatividade toda vez que eu tinha alguma empreitada pela frente.

Quando paro e penso no exercício desta escrita, não é diferente. Tenho trabalhado muito em torno daquilo que entendo por potencialidades. Defendo veementemente que a atual (re)configuração dos “cistemas” hegemônicos – todos, sem exceção – têm operado na tentativa de nos manter ocupados, a todo instante, por meio daquilo que chamamos de resistência. Essa não é, ao menos nesta escrita, a questão central, mas creio que devo aproveitar a menção para minimamente expressar “minha ideia” e cumprir com meu papel dentro da militância acadêmica.

Se fizermos um breve exercício de rememoração, perceberemos o quanto nós, corpos dissidentes dos “cistemas” de raça, classe, etnia, sexo, gênero, desejo e corpa, temos operado por meio da resistência. Nossos discursos pautam o ato de resistir e nossos movimentos vão na mesma direção. Quem nunca ouviu a frase “se fere nossa existência, seremos resistência”? Eu mesma já a utilizei para nomear um simpósio temático que coordenei em um congresso. É fato que todos os dias temos uma nova “batalha” pela frente.

Se retrocedermos dois meses desde a data de hoje, 19 de outubro de 2023, dia em que redijo este texto, poderemos considerar: a aprovação do Projeto de Lei (PL) 580/07, em 10 de outubro de 2023, na Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família, da Câmara dos Deputados, por 12 votos contra cinco, que prevê a proibição da utilização dos termos “casamento” e “união estável” para uniões de pessoas do mesmo sexo, as quais deverão fazer uso de “contrato”, garantindo-se somente os aspectos patrimoniais dessas uniões – ou ainda, em outras palavras, o fim do casamento civil igualitário, também conhecido por casamento homoafetivo (Agência Câmara de Notícias, 2023a; Marcos Amorozo, 2023); o PL 192/23, que “criminaliza a conduta das pessoas que incentivem ou permitam a mudança de sexo em crianças ou adolescentes” (Agência Câmara de Notícias, 2023b, s. p.); o PL 204/23, que “veda cirurgias de mudança de sexo para menores de 21 anos e terapias hormonais para menores de 18 anos” (Agência Câmara de Notícias, 2023c, s. p.); ou até a aprovação de um debate, por parte da mesma comissão que acatou o fim do casamento civil igualitário, tendo por finalidade questionar as “orientações do Conselho Federal de Psicologia e Conselho Federal de Medicina para o tratamento de crianças em incongruência de gênero, popularmente denominadas como crianças e adolescentes trans” (Agência Câmara de Notícias, 2023d, s. p.). O que pensamos que temos que fazer perante todas essas investidas normativas e neoliberais? Resistir, resistir e resistir.

Nossas próprias pesquisas, seja no campo da educação ou em outros, tem operado,

*A gente não é. A gente vai [estamos] sendo.*

de certo modo, de forma a “assumir” essa ideia de “resistência incondicional” (Cristina Wolff, 2015; Lara Pereira; Paula Regina Ribeiro; Juliana Rizza, 2021; Renata Macedo, 2019), mesmo quando dizemos pensar nela enquanto “força inventiva que mobiliza e cria possíveis” (Marlucy Paraíso, 2016, p. 389). O termo “resistência” refere-se à “qualidade de um corpo que **reage** contra a ação de outro corpo” (Resistência, 2024, s. p., grifos nossos). Nessa (re)ação seguimos (re)agindo em consequência da ação do outro, sempre respondendo a um estímulo. Quero pensar e propor meios outros para possibilitarmos essa “força inventiva que mobiliza e cria possíveis” (Marlucy Paraíso, 2016, p. 389) que não sejam em função de uma resposta, de uma (re)ação.

Não sei quanto a vocês, mas me sinto extremamente cansada, afinal milito em movimentos sociais desde meus 16 anos, e a sensação, em alguns momentos, é de que, para cada passo que damos à frente, são dois para trás. Esse cansaço é o que tem me feito perceber esse constante movimento por parte dos grupos conservadores. Não seria essa uma estratégia para nos manter constantemente ocupadas, cansadas, sendo impossível nos sobrar tempo e energia para vivenciarmos nossos desejos, fluirmos em nossas potências? Já nos diria Michel Foucault (2010, p. 446) que “[o]cupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida”. Não me estenderei nessa questão, pois esta não passa de um dos vários padrões de difração<sup>2</sup> que venho tentando ler.

Retorno então à minha discussão inicial, que, mesmo antes de ser iniciada, já foi iniciada, ao considerar o fato de que eu esteja, neste momento, escrevendo livremente, numa tentativa, e sempre tentativa, de colocar no texto parte de minhas experiências, vivências e pensamentos, exercício desde sempre, e para sempre, incompleto, assim como diriam Jacques Derrida (2001) ou Conceição Evaristo (2023).

Sobre Evaristo, permitam-me falar um pouco. Ganhei de presente, no dia das professorias, a oportunidade de ouvi-la, ao lado do Mestre Nêgo Bispo, durante a Festa Literária das Periferias (FLUP), que ocorreu no Rio de Janeiro/RJ. Na ocasião, durante a mesa mediada pela jornalista Flávia Oliveira, a escritora foi questionada a respeito de seu processo de escrita. Conceição pronunciou as seguintes palavras: “o texto escrito não tem corpo, então ele é incompleto” (*sic*). É por isso que digo que a escrita “será” sempre tentativa, mas nunca “será” de fato.

Falei, no parágrafo anterior, que o tema já “vazou” através de minha corpa, que rapidamente digita no teclado na tentativa de formar as palavras e acompanhar aquilo que

penso com uma velocidade ímpar. Vazou quando disse que “ainda compreendo ser mais adequado falar assim da minha infância, pois não sei ao certo se tenho pistas suficientes para dizer que era, naquele momento, uma criança trans”. “Vazou” novamente quando fiz questão de trazer Conceição Evaristo e tentar escrever sobre um acontecimento, sobre uma experiência que é minha, e somente minha, ao ouvi-la dizer que a escrita não tem corpa e, o mais importante, que ela é sempre incompleta. “Vazo”, pela terceira vez, ao utilizar a metáfora com a qual tenho trabalhado, a dos vazamentos, remetendo a um cano por onde a água passa e, ao encontrar uma rachadura, vaza com força e potência (Will Paranhos, 2024). Assim “somos” nós.

Tentarei agora “conter-me” e usar esses três “vazamentos” para, por “fim”, mesmo sem nada finalizar, organizar meus pensamentos. É importante citar que estes não foram previamente pensados ou organizados. Eu simplesmente me sentei em frente ao computador, digitei o título deste texto no topo central da página e comecei a escrever aquilo que “vazava” de, mas “com”, minha corpa. Se eu seguir aqui escrevendo sem minimamente conter-me, continuarei vazando, visto que a escrita, a escrevivência (Conceição Evaristo, 2007) e o ímpeto de confluir (Antônio Bispo, 2015) sempre me levam a tal. E tudo isso que foi dito até aqui tem relação direta com o tema, pois a gente não é, a gente vai sendo.

Eu poderia ter intitulado esta escrita de “A gente não é. Nós estamos sendo”. Contudo, fiz questão de manter o título em sua ideia “original”, preliminarmente por mim já trabalhada, e inserir entre colchetes o termo “estamos”, justamente para marcar que nem mesmo a pesquisa é fixa, tal qual advogam os pressupostos da ciência colonialista, mas que, ao contrário, ela se faz e se refaz na feitura, justamente para que torne-se possível este fazer ciência de modo democrático, expandindo fronteiras hierárquicas e intra-agindo (Karen Barad; Tereza Rocha, 2017) no hibridismo (Bruno Latour, 2004). Assim, a marcação é expressa para elucidar que nos emaranhados do conhecimento, a produção de sentidos é uma constante que nunca se encerra e que é esta mesma produção que cria “padrões de diferenças que fazem a diferença” (Karen Barad, 2012, s. p., tradução nossa). Dessa forma, em vez de “vai sendo”, tenho feito uso de “estamos sendo”. Explicarei o motivo da mudança logo mais.

Antes, no entanto, creio que devo tentar explicar primeiramente as razões que têm me levado a fazer uso de um gerúndio em vários dos textos que tenho produzido. Na realidade, quem o propõe não sou eu, mas Marlene Wayar, pedagoga, psicóloga e travesti

*A gente não é. A gente vai [estamos] sendo.*

argentina, autora de *Travesti: una teoría lo suficientemente buena*. Em sua obra, ao ser indagada sobre o que é ser travesti, Marlene Wayar (2021, pp. 24-25, tradução nossa, grifo da autora) responde:

Minha estratégia foi: não vou explicar para vocês o que é “travesti/transsexual” e a longa nomenclatura “T” e/ou “queer”. Não quero desperdiçar seu tempo. Quero que você seja capaz de abordar o Trans que existe em você e entendê-lo a partir de uma abordagem envolvente. Nós observamos nossas infâncias e vemos a violência que cada um sofreu com o regime heterossexista e adultocêntrico, aquilo que foi almejado e esmagado, damos voz e ouvidos a nossa própria filha/o e a tudo que eles vivenciaram como falta, como pactos rompidos entre o mundo adulto e aquela infância. Então nos perguntamos: o que há de comum entre o modo como sonho comigo mesmo e com um homem ou uma mulher? Resta muito pouco do trabalho pela frente, e eles começam a se retirar mesmo sem saber para onde ir. Não interessaria na experiência travesti O QUE sou e fechá-la em algum momento. Pelo contrário, hoje sou a melhor versão de mim mesma. E importa drasticamente o que EU NÃO SOU. [...] Não sou homem, não sou mulher, hoje *vou sendo* travesti. Esse gerúndio me explica só por hoje, mas não se fecha à crise e à transformação.

Retornemos às aulas de português. Um gerúndio é uma forma nominal dos verbos que caracteriza ações verbais prolongadas ou aquelas que ainda estão em desenvolvimento. Wayar (2021) fez questão de grifar em seu texto a sentença “só por hoje”. Ao unirmos o gerúndio – vou sendo – ao “só por hoje”, podemos compreender que a autora se entendia enquanto uma travesti em desenvolvimento constante, mas que tal afirmativa só poderia ser feita naquele dia, naquele momento, pois, sobre o porvir, ela ainda não sabia nada. Logo após, ela destacou que tal gerúndio nunca se fecha a possíveis crises e/ou transformações. Mas por qual razão podemos afirmar que Marlene Wayar declara isso?

Trago ao nosso debate o movimento afetivo-político de localização cuir, que indica, ao menos dentro de “minhas” pesquisas, que cuir demanda uma pulsão de senti-pensar-estarmos-sendo<sup>3</sup>. Esse cuir do qual falo tem sim suas similaridades com o *queer* norte-americano, seja este acadêmico ou do movimento social. Possui similaridades, mas não é o mesmo. Rapidamente, penso que devo “localizar” o *queer* “do Norte global” para só então, posteriormente, adentrar as perspectivas que adoto.

De acordo com diversas autorias (Guacira Louro, 2001; Tomaz Silva, 2001; Richard Miskolci, 2012; Dilton Couto Junior; Fernando Pocahy, 2017), o *queer* norte-americano, mais especificamente o estadunidense, surge durante o final da década de 1960 e atravessa as décadas de 1970 e 1980. Sua “gênese” compreende um movimento que ficou conhecido como “batalhas culturais”, as quais representavam intensas disputas entre grupos conservadores e progressistas no cenário político e social dos Estados Unidos da América

(EUA). Um exemplo de tais tensões é a Revolta de Stonewall, ocorrida em 28 de junho de 1969, que culminou na morte de inúmeras pessoas militantes da causa LGBTIAPN+. Esse é somente um exemplo entre as várias demandas que estavam no epicentro desse confronto, o qual veio a se acirrar na década de 1980, durante os dois governos do então presidente Ronald Reagan, sobretudo quando da eclosão da epidemia da aids, que foi tratada com total descaso pelo Estado norte-americano no que tange às questões de saúde pública para o combate da doença (Sayak Valencia, 2015).

Naquele ínterim, muitos dos que compunham os movimentos sociais, agora já “reconhecidos” por *queer*, ingressaram nas universidades e começaram a questionar os estudos de gênero, *gays* e *lésbicos*, afirmando terem esses campos se transformado em espaços de constante assimilacionismo (Pedro Pereira, 2015). O movimento *queer* tinha por “característica” principal se contrapor às normas que regulamentavam o tecido social, sendo então impossível pensar em práticas que, em vez de enfrentá-las, acabavam se adaptando a tais normas (Norma Mogrovejo, 2020). Ao observar esse cenário, Teresa de Lauretis, durante uma conferência realizada em 1990, fez uso do termo *queer* no título de sua fala. Nesse sentido, assegurou: “[e]u inventei a expressão ‘teoria queer’ em 1990, como tema de uma conferência que organizei na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz” (Teresa de Lauretis, 2019, p. 398).

Talvez Lauretis realmente tenha sido a primeira pessoa a, dentro de um ambiente acadêmico, unir os termos “teoria” e “*queer*”. Todavia, se voltarmos três anos, chegando a 1987, veremos que Gloria Anzaldúa, feminista *chicana*, já havia feito uso da palavra “*queer*” em uma produção acadêmica. Em sua obra *Borderlands/La frontera: the new mestiza*, Anzaldúa escreve:

Como mestiza, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma *lésbica* não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a *queer* em mim existe em todas as raças) (Gloria Anzaldúa, 1987/2005, pp. 707-708).

Esse foi um primeiro indício que me levou pessoalmente a questionar o cânone *queer*. Diz-se que a – agora – teoria *queer* chega ao Brasil por meio da academia, quando pesquisadores brasileiros viajam até os EUA, conhecem-na e importam-na para nossas universidades (Pedro Pereira, 2015). Essa é uma lógica “essencialmente” colonial, como grande parte daquelas que infelizmente estruturam o tecido social *sudaka*<sup>4</sup>.

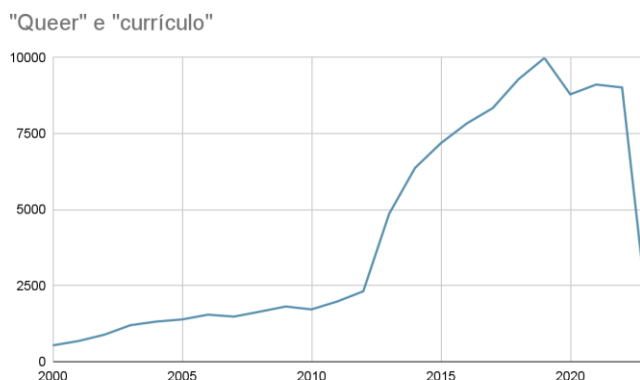
Somo a tal indício um outro incômodo, puramente empírico. Eu conheci a teoria *queer*

*A gente não é. A gente vai [estamos] sendo.*

no ano de 2015, enquanto cursava o saudoso GDE – Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. As informações que encontrei a respeito do tema eram muito rasas. Dizia-se que o *queer* era contrário à ideia de identidade, o que, de certo modo, me encantou. Contudo, passado o “*frisson*” momentâneo, o *queer* caiu em meu esquecimento. Somente após meu ingresso no doutorado, em virtude de algumas leituras, foi que voltei a encontrar o *queer* e me perguntei: o que aconteceu com ele?

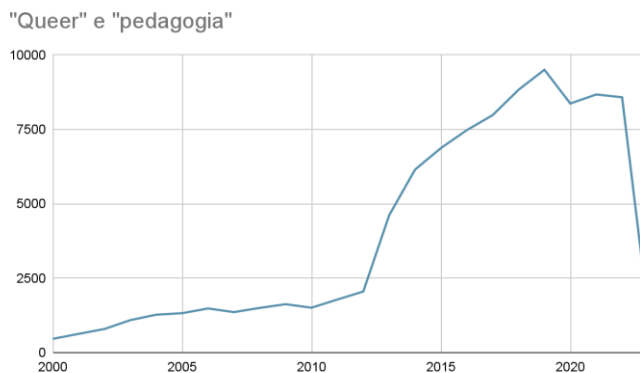
Fiz uma breve busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com recorte temporal entre os anos de 2000 e 2023, tendo a “convicção” de que me depararia com um cenário em que as pesquisas em torno do *queer* – relacionado, para fins de minhas investigações, com constructos associados à escola – estariam em declínio vertiginoso. Ledo engano. De acordo com “minhas” buscas, as pesquisas que consideravam, de alguma maneira, a teoria e/ou o movimento *queer* seguem um constante crescimento, ano após ano. Diante do achado, realizei uma análise aprofundada e percebi que houve, na verdade, um esvaziamento do *queer*, o qual passa a ser encarado como estritamente ligado aos aspectos das sexualidades.

**Gráfico 1** – Produções no Portal da CAPES – termos “*queer*” e “currículo”.



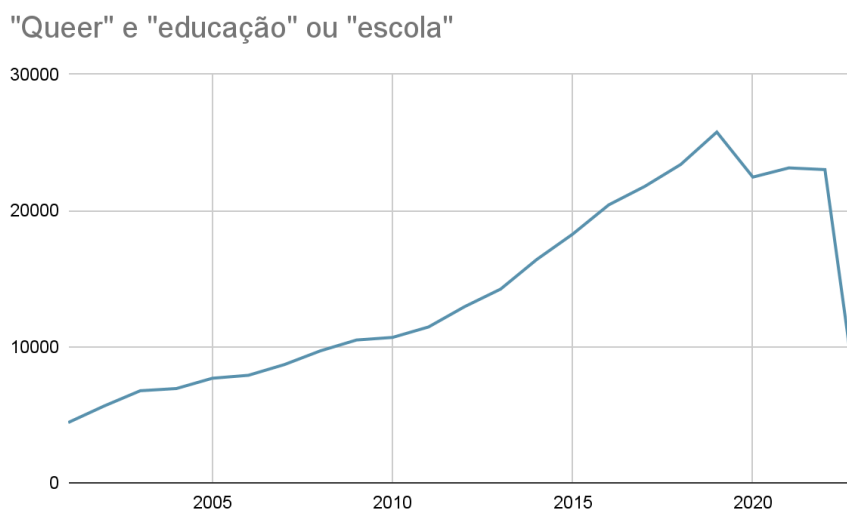
**Fonte:** Elaborado com base nos dados da pesquisa (2023).

**Gráfico 2** – Produções no Portal da CAPES – termos “*queer*” e “pedagogia”.



**Fonte:** Elaborado com base nos dados da pesquisa (2023).



**Gráfico 3** – Produções no Portal da CAPES – termos “*queer*” e “educação” ou “escola”.

**Fonte:** Elaborado com base nos dados da pesquisa (2023).

Coincidência ou não, dois pontos são relevantes e deixam vestígios sobre esse movimento: 1. atualmente a letra “Q”, não raramente, compõe a sigla do movimento – LGBTQI+, LGBTQIA+, LGBTQIAP+, (...); 2. no cenário norte-americano, *queer* tornou-se sinônimo da relação sexo-gênero dissidente, tanto que, independentemente da identidade de gênero ou da orientação afetivo-sexual, as pessoas de lá se entendem, reconhecem e nomeiam, como *queer*. Ao perceber tais sinais, cá pensei comigo: “mas, espera, se o *queer* era contrário à identidade, como é que hoje ele se torna mais uma forma de reconhecimento identitário?”. O espaço que tenho aqui é muito pequeno para poder expor todos os dados necessários de modo a apresentar o argumento que venho construindo em “minha tese” – faço-o e sempre farei, pois, novamente, aprendi com o cuir que não “existe” outra coisa senão um contínuo gerúndio. Perdoem-me as constantes trocas entre *queer* e cuir, mas prometo que logo vocês entenderão os motivos.

Na tentativa de “estruturar” um pouco as difrações que estão sendo apresentadas, vamos organizá-las para que posteriormente eu exponha e defenda “minhas” alegações. Faço isso de modo consciente, sabendo que se trata de uma estratégia, mesmo que provisória, de negociar com as normas, defendida, inclusive, por Donna Haraway (2021), ao afirmar que “não quer dizer que você não deva fazer algum trabalho de ordenar, mas lembre-se que está ordenando” (p. 156). Então primeiramente questiono o cânone *queer* e sua definição de que tanto teoria quanto movimento tenham se iniciado no suposto “centro do mundo”, também conhecido por EUA. Em segundo lugar, questiono o esvaziamento da

*A gente não é. A gente vai [estamos] sendo.*

perspectiva *queer*, o que me leva ao terceiro questionamento, que se relaciona com essa tentativa de “construção” de uma “identidade *queer*”. Desse modo, decido que não há outro caminho a percorrer senão aquele que me leva a assegurar: *queer* e *cuir* foram colonizados.

Para tanto, a primeira consideração que exponho é a de que o *queer* já existia por aqui, em terras tupiniquins, mesmo antes de se entender por *queer*. É por tal motivo que eu seguro o *queer* pelos chifres, provoço torções constantes, peço as bênçãos de Exu, senhor da comunicação, e, com ele, engulo o *queer*, mastigo-o e o regurgito (Luiz Rufino, 2019) na forma de *cuir*. Voltando à ideia de que o *cuir* por aqui já estava, não me faltam exemplos de corpos que, simplesmente por estarem em determinado espaço, já operavam em constante tensionamento e questionamento das normas sociais que desde sempre criam territórios fechados, impedindo a entrada daqueles que não cumprem com suas “diretrizes”.

Gabriel Soares de Sousa menciona, no *Tratado descritivo do Brasil*, de 1587, a existência de “seres” que não seguiam as normas de gênero reconhecidas pela coroa portuguesa, culminando, inclusive, naquela que pode ser considerada a primeira morte por transfobia em nosso país, quando, no ano de 1614, o indígena tupinambá Tibira foi executado na boca de um canhão pelo fato de não condizer com o que se esperava de um “homem” (Luiz Mott, 2005). Além dele, várias outras figuras nos dão sinais de um movimento *cuir sudaka* tupiniquim, sem ser ainda *queer*: Xica Manicongo (1591-?) e Yaya Mariquinhas (século XIX) em Salvador/BA; Madame Satã (1900-1976) no Rio de Janeiro/RJ; Cintura Fina (1921-?) e Tomba Homem (1935-2016) em Belo Horizonte/MG (Megg Rayara de Oliveira, 2020). Esses são somente alguns exemplos de nosso país, mas, se quisermos ampliar um pouco os horizontes, basta considerarmos as experiências Khoe-San sul-africanas, as indígenas americanas Bardach e as Hijras indianas (Bernedette Muthien, 2018).

Tais exemplos, apesar de bastante expressivos, são pontuais, é bem verdade. Porém, se quisermos pensar em movimentos organizados, basta nos lembrarmos, conforme nos indica Fernando Benetti (2013, p. 29), do Grupo SOMOS, que na década de 1970 “já [tinha] como pauta política o questionamento dos binarismos sociais, a luta contra a autoridade desmedida, e o esvaziamento de termos pejorativos, da mesma forma como estava se fazendo nos EUA com o termo *queer*”. Creio que, com tais exemplos, já consigo minimamente criar um quadro que demonstra a existência de um movimento que operava afetopoliticamente por aqui na contestação das normas sociais. No que se refere às questões epistemológicas, ou seja, à teorização, basta percebermos, ainda seguindo Fernando Benetti

(2013, p. 29), que:

autorxs como Peter Fry, Néstor Perlongher ou o jornal *Lampião da Esquina*, já estavam no final dos anos 1970 e durante os anos 1980, constatando a construção social de sujeitos abjetos, questionando os binarismos sexuais, e enfatizando o caráter construído da heterossexualidade.

Partindo de todos os exemplos listados, torna-se quase mesmo impossível ratificar a ideia de que, seja *queer* ou *cuir*, relaciona-se, tão somente, com aspectos dos gêneros ou das sexualidades. O movimento de *cuirização* é muito mais amplo do que isto, materializando-se em repetições que buscam escapar de quaisquer tipos de fixação, diferentemente daquilo que ocorre com o *queer* norte-americano, que cada vez mais coloca-se higienizado e assimilado (Norma Mogrovejo, 2020).

Não, eu não combato o *queer* produzido nos EUA, justamente por, amparando-me em Pedro Pereira (2015), afirmar que o *cuir* “é” uma afeto-política de constituição local. Esse já é um primeiro rastro de porque não podemos simplesmente “fazer uso” do panorama *queer* estadunidense em nosso cenário. Ademais, consideremos os territórios que têm por objetivos principais a criação de:

[...] abrigo físico, fonte de recursos materiais e/ou meio de produção; - identificação ou simbolização de grupos através de referentes espaciais (a começar pela própria construção de fronteiras); - controle e/ou disciplinarização através do espaço (fortalecimento da ideia de indivíduo através de espaços também individualizados, no caso do mundo moderno); - construção e controle de conexões e redes (fluxos, principalmente fluxos de pessoas, mercadorias e informações) (Rogério Haesbaert, 2007, p. 28),

Ao contrário deles, a localização, ou seja, a política inscrita no “lugar”, prevê a abertura, não criando limites que imponham zonas intransponíveis a determinadas corpos, primando pela relacionalidade na alteridade (Marcelo Brito, 2017). Falar de lugar é falar de diferença, e falar de diferença é falar em movimento constante, mas de uma constância que jamais ocorre de mesmo modo, de uma repetição “com” a qual a diferença se constitui (Gilles Deleuze, 2018). Por isso mesmo, não somente *cuir*, mas *cuirização*. Espero que, até aqui, eu tenha conseguido evidenciar como o *queer* estadunidense, que é infelizmente o *queer* de que “fazemos uso” no Brasil, foi deveras esvaziado.

Por fim, chego à minha “última” consideração, sendo que por meio dela, após essa pequena volta que demos, retornaremos ao título da escrita que proponho. Depois de ser esvaziado, o *queer* tornou-se sinônimo de identidade sexo-gênero dissidente, justamente quando se acredita que ele milita contra a identidade. Nesse ponto, *queer* e *cuirização* se assemelham. Antes de apontar os motivos da “minha” afirmativa, devo abrir um parêntese.

*A gente não é. A gente vai [estamos] sendo.*

Em se tratando, seja *queer* ou *cuirização*, de uma afeto-política de localização, temos que primeiramente perceber as diferenciações existentes nos contextos em que estamos tentando analisar o *queer/cuirização*.

Os Estados Unidos da América estruturam-se com base em um contexto que não é nacionalista, mas sim identitarista. Lá, não são raros os exemplos de pessoas que, atuando na política, colocam-se como representantes de um único movimento e, mesmo assim, têm êxito em suas empreitadas. Outro exemplo diz respeito à organização dos EUA, onde os estados são muito mais representativos do que o país como um todo, tanto que as leis estaduais se sobrepõem, em vários casos, às legislações nacionais. Assim, quando o *queer* constituiu-se por lá, não houve a necessidade de que se afirmassem algumas políticas identitárias, pois as pessoas já se reconheciam como pertencentes a determinados grupos sociais – pessoas negras, LGBTIAPN+, deficientes, entre outras –, o que não quer dizer, no entanto, que tais parcelas populacionais não sofressem - e ainda sofram - com sua subalternização. Todavia, o que aqui nos interessa é pensar sobre o “reconhecimento das identidades”.

O Brasil, por outro lado, com sua forte presença da colonização europeia, é um país que tem em sua arquitetura o “ pilar ” nacionalista. Foram vários momentos em que, ao longo da história, o nacionalismo colocou-se como superior a outras questões. “ Orgulho de ser brasileiro ” e “ O brasileiro não desiste nunca ” são alguns dos exemplos em que percebemos a soberania nacionalista falando mais alto em nossa “ construção ”. Esse nacionalismo, não raramente, acaba universalizando e apagando as diferenças, motivo pelo qual tivemos que, no Brasil, pensar em políticas identitárias de reconhecimento, que ainda são extremamente necessárias para nosso fortalecimento.

A comparação e os argumentos acima apresentados partem dos textos de Angela Figueiredo (2015), *Carta de uma ex-mulata à Judith Butler*, de Stuart Hall (2006), *A identidade cultural na pós-modernidade*, e de Homi Bhabha (2001), *O local da cultura*, que defendem a necessidade de que se pense na identidade enquanto uma “ construção ” que não deve ser considerada fixa e que “ está-sendo ” em constantes “ crises e transformações ”, termos estes que já lemos juntos anteriormente. Sim, foi com Marlene Wayar (2021, pp. 24-25, tradução nossa, grifo da autora), ao dizer que “[e]sse gerúndio me explica só por hoje, mas não se fecha à crise e à transformação”.

Evoco aqui outra travesti, Luma Nogueira de Andrade, que, em sua tese de doutorado, escreve, quase poeticamente, alguns excertos que se emaranham à nossa discussão. Para a

autora,

[a] palavra identidade remete a outra palavra: identificação, cuja escrita não é apenas gráfica, é também corporal; identificação não se escreve somente com tinta, pois é vivida, é sentida, é como uma tatuagem que marca o corpo e a alma das pessoas. As imagens, os símbolos, as várias grafias marcadas em cada centímetro da nossa existência não obedecem, com exclusividade, ao deslizar da caneta, são “letras sentintes”, “artes corpestres” e “pós-corpestres”, palimpsestos, mistérios, rabiscos indecifráveis de dor, de alegria, de tristeza, de gozo e de suor. Como lembra Stuart Hall (2006, p. 24), “as conceptualizações do sujeito mudam e, portanto, tem uma história” (Luma Nogueira de Andrade, 2012, p. 88).

É justamente isso que tanto *queer* quanto *cuirização* defendem: identidades não são unidades fechadas e fixas, porém processos de constante transformação e desenvolvimento ou, como tenho preferido dizer, emaranhados de identificação. Geralmente, quando algum texto trabalha com a perspectiva *queer/cuirização*, frequentemente inicia pela origem do termo. Aqui propositalmente fiz o contrário.

Sayak Valencia (2015) diz ser bastante difícil precisar onde e quando a palavra se “originou”. A autora defende que “*queer*” possui procedência germânica, mais especificamente no dialeto *brunswick*, em que a palavra “*quer*”, com um único “e”, faz referência a “*oblíquo, descentrado, torcido, perverso e raro*” (Sayak Valencia, 2015, p. 20, grifo da autora). O termo seria uma derivação do “alto alemão *twerk*, que significa oblíquo, o qual se desprende da raiz protoindoeuropeia *terkw*, que quer dizer: *dar a volta, torcer, girar*” (*ibidem*, p. 20, grifo da autora). Ao perceber que, em ambos os casos, “*torcer*” aparece, Valencia (2015) também localiza sua etimologia, a qual provém do latim “*torquere*”, que se traduz em “*girar*” ou “*dar a volta*”. A raiz do termo “*tark*”, ou “*tork*”, pode estar ligada a outra raiz ainda mais antiga, “*tar*”, que significa “*mover*”. Por fim, “*queer*” provavelmente pode ser compreendido como um exercício de *torcer-se* ou “*mover-se em giros, desviando-se da direção originária*” (Sayak Valencia, 2015, p. 20).

Dito tudo isso – e não dito absolutamente nada –, acredito eu que podemos conceber o movimento afetivo-político de localização em *cuirização* como uma noção que nos leva a constantes torções, sempre direcionando-nos a desviar de qualquer concepção de “origem”, de “essência”, de “natureza”. Porém, tudo isso só é possível pelo fato de a *cuirização*, também por meio das torções constantes, tentar nos distanciar da lógica neoliberal de individualização (Stephen Ball; Antonio Olmedo, 2013) e apontar para a necessidade de operarmos no coletivo. Por tal razão é que de “estar”, aludindo à local, passo a considerar “estamos” como mais “adequado”. Nas cosmologias “de” Antônio Bispo (2015) ou “de”

*A gente não é. A gente vai [estamos] sendo.*

Ailton Krenak (2020), na defesa de uma intra-ação (Karen Barad, 2007), o “eu”, essa unidade que um dia quiseram nos dizer ser única, fechada, isolada, na verdade não existe. Constituímos na união, em (re)união, em multidão (Paul [Beatriz]<sup>5</sup> Preciado, 2011). Estamos. E torcendo, também, não há como defendermos a ideia de que “somos”, pois se fôssemos já estaríamos prontos, acabados, e isso, é bem verdade, não estamos.

Gosto, particularmente, de uma entrevista realizada com Paul Preciado e Judith Butler, onde esta última tenta “traduzir”, de uma maneira tão sintética, porém afetiva, aquilo que entende por identidade, e, deste modo, me furto à possibilidade de produzir elucubrações a partir dela, mas reproduzo-a de maneira íntegra, demonstrando que nesta relação em cuirização e coalizão, nos constituímos mutuamente:

Se eu gritar, erguendo o punho: “Sou homossexual!”, ou outra coisa, se minha identidade se torna algo que afirmo, que devo defender, então há rigidez. Qual é a necessidade de fixar-se de uma vez por todas? Como se eu conhecesse o meu futuro, como se pudesse ser um todo contínuo! [...] A vida não é a identidade! A vida resiste à ideia da identidade, é necessário admitir a ambiguidade. A identidade pode muitas vezes ser vital para enfrentar uma situação de opressão, mas seria um erro utilizá-la para evitar enfrentar a complexidade. Você não pode saturar a vida com identidade (Ursula del Aguila, 2018, s. p.).

É assim que não encerro absolutamente nada, mas que deixo este texto - que na verdade não é e nunca foi meu, mas que é somente assinado por mim - girando, desejando que as palavras, que também não são “minhas”, sejam elas escritas ou faladas, possam reverberar em suas corpas, guiando-nos em encruzilhadas onde nos é possível intra-agir com outras corpas, outros seres - humanos, mais-que-humanos ou outros-que-humanos -, outros saberes, e possibilitando-me, por fim, embora sem nada finalizar, afiançar mais uma vez: a gente não é; a gente estamos sendo.

### Referências

Agência Câmara de Notícias. **Comissão aprova projeto que proíbe o casamento entre pessoas do mesmo sexo.** 2023a. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1006272-comissao-aprova-projeto-que-proibe-o-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo/>. Acesso em: 18 out. 2023.

Agência Câmara de Notícias. **Projeto pune com prisão quem incentivar ou permitir mudança de sexo em crianças e adolescentes.** 2023b. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/941111-PROJETO-PUNE-COM-PRISAO-QUEM-INCENTIVAR-OU-PERMITIR-MUDANCA-DE-SEXO-EM-CRIANCAS-E-ADOLESCENTES>. Acesso em: 18 out. 2023.

Agência Câmara de Notícias. **Projeto proíbe cirurgia de mudança de sexo em menores de 21 anos.** 2023c. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/941218-projeto-proibe>

[cirurgia-de-mudanca-de-sexo-em-menores-de-21-anos/](#). Acesso em: 18 out. 2023.

Agência Câmara de Notícias. **Comissão promove debate sobre orientações de tratamento para crianças e adolescentes trans**. 2023d. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/973154-comissao-promove-debate-sobre-orientacoes-de-tratamento-para-criancas-e-adolescentes-trans/>. Acesso em: 18 out. 2023.

AGUILA, Ursula del. A vida não é a identidade! A vida resiste à ideia da identidade. 2018.

Traduzido por Luiz Morando. **Resista!** Disponível em:

<https://resistadotblog.wordpress.com/2018/05/08/a-vida-nao-e-a-identidade-a-vida-resiste-a-ideia-da-identidade/>. Acesso em: 17 ago. 2024.

AMOROZO, Marcos. CNN. **Comissão da Câmara aprova projeto de lei que proíbe casamento homoafetivo**. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-da-camara-aprova-projeto-de-lei-que-proibe-casamento-homoafetivo/>. Acesso em: 18 out. 2023.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2012. 279 f. Tese (Doutorado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. San Francisco/EUA: Aunt Lute Book, 2005.

BALL, Stephen J.; OLMEDO, Antonio. Care of the self, resistance and subjectivity under neoliberal governmentalities. **Critical Studies in Education**, v. 54, n. 1, p. 85-96, 2013.

BARAD, Karen. Interview with Karen Barad. Interview given to Rick Dolphijn and Iris van Der Tuin. In: DOLPHIJN, Rick; TUIN, Iris van Der. **New Materialism: interviews & cartographies**. Ann Arbor: Mpublishing – University Of Michigan Library, 2012. Cap. 1. p. 48-70.

BARAD, Karen. **Meeting the universe halfway**. Durham/UK: Duke University Press, 2007.

BARAD, Karen; ROCHA, Thereza. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. **Vazantes**, [S. l], v. 1, n. 1, p. 6-34, 2017.

BENETTI, Fernando J. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da teoria queer no brasil (1980-2013)**. 2013. 175 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte/MG: UFMG, 2001.

BISPO, Antônio. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília/DF: INCTI/CNPq/UnB, 2015.

BISPO, Antônio. Mesa: Confluências e escrevivências, muito mais do que rimas. In: **Festa Literária das Periferias (FLUP)**, 15 out. 2023, Rio de Janeiro/RJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K2bG76vfwBQ>. Acesso em: 20 out. 2023.

*A gente não é. A gente vai [estamos] sendo.*

BRITO, Marcelo Sousa. O lugar que há em nós ou o corpo-lugar que somos nós. **ILINX-Revista do LUME**, n. 12, p. 12-22, 2017.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando Altair. Dissidências epistemológicas à brasileira: uma cartografia das teorizações queer na pesquisa em educação. **Revista Inter Ação**, [S.L.], v. 42, n. 3, p. 608-630, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v42i3.48905>.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Campinas/SP: Papyrus, 2001.

EVARISTO, Conceição. Da grafiadesenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte/MG: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Mesa: Confluências e escrevivências, muito mais do que rimas. In: **Festa Literária das Periferias (FLUP)**, 15 out. 2023, Rio de Janeiro/RJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K2bG76vfwBQ>. Acesso em: 20 out. 2023.

FERRERA-BALANQUET, Raúl M. Navegar rutas eróticas decoloniales rumbo a relatos ancestrales karibeños. In: FERRERA-BALANQUET, Raúl M. et al. (orgs.). **Andar erótico decolonial**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015. p. 39-72.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 152-169, 2015. DOI: 10.9771/peri.v1i3.14261.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo/SP: WMF Martins Fontes, 2010.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Notas sobre o trajeto aporético da noção de experiência no pensamento de Derrida. **Educação e filosofia**, p. 259-274, 2013.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Os fantasmas da colônia: notas de desconstrução e filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro/RJ: Ape'Ku, 2020.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, p. 19-45, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro/RJ: DP&A, 2006. (arquivo enviado anexo)

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.



KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2020.

LATOURE, Bruno. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. Bauru: Edusc, 2004

LAURETIS, Teresa de. Teoria queer, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 397-410.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer**: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 541-553, 2001.

MACEDO, Renata Mourão. Resistência e resignação: narrativas de gênero na escolha por enfermagem e pedagogia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, p. 54-76, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro/RJ: Editora Cobogó, 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MOGROVEJO, Norma. O queer, as mulheres e as lésbicas na academia e no ativismo em Abya Yala. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no Sul global. Rio de Janeiro/RJ: Bazar do Tempo, 2020. p. 33-58.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro. **Afro-Ásia**, n. 33, p. 9-33, 2005.

MUTHIEN, Bernedette. Queerizando as fronteiras: uma perspectiva africana ativista. In: REA, Caterina; PARADIS, Clarisse G.; AMANCIO, Izzie M. S. **Traduzindo a África queer**. Salvador/BA: Editora Devires, 2018. p. 91-100.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao centro, nem à margem!** Corpos que escapam às normas de raça e de gênero. Salvador/BA: Editora Devires, 2020.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, 2016.

PARANHOS, Will. É PRECISO “VAZAR” O CURRÍCULO. In: Rachel Colacique; Rafael Romano; Simone de Oliveira Coelho; Elizabeth da Silva Guedes. (Org.). **Reflexões e narrativas pedagógicas** [livro eletrônico]. 1ed. Rio de Janeiro/RJ: Ed. dos Autores, 2024, v. 3, p. 34-42.

PEREIRA, Lara; RIBEIRO, Paula Regina Costa; RIZZA, Juliana Lapa. Inventividades criativas de gênero e sexualidade em uma escola de Educação Infantil: espaços de resistência a partir de uma educação menor. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 23, n. 2, p. 362-381, 2021.

*A gente não é. A gente vai [estamos] sendo.*

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 5, n. 2, p. 411-437, 2015.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 11-20, 2011.

RESISTÊNCIA. In: **DICIO**: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em <https://www.dicio.com.br/resistencia/>. Acesso em: 17 ago. 2024.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro/RJ: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2001.

WAYAR, Marlene. **Travesti**: una teoría lo suficientemente buena. Ciudad Autónoma de Buenos Aires/AR: Muchas Nuances, 2021.

WOLFF, Cristina Scheibe. Pedços de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 3, p. 975-989, 2015.

VALENCIA, Sayak. Del queer al cuir: ostranénie geopolítica y epistémica desde el Sur g-local. In: LANUZA, Fernando R.; CARRASCO, Raúl M. (org.). **Queer & cuir**: políticas de lo irreal. Cidade do México/MX: Editorial Fontamara, 2015. p. 19-37.

## Notas

---

<sup>1</sup> Opto por utilizar o termo "corpas" em substituição a "corpos". A utilização de expressões no feminino é uma provocação oriunda da perspectiva cuir (Estudos Queer em Abya Yala – Latinoamérica), a fim de ressignificar a linguagem por meio de um exercício político, reforçando o poder subversivo dos termos ao romper com o essencialismo masculino.

<sup>2</sup> A difração é um fenômeno físico relacionado às ondas, independentemente do tipo. Ao contrário da reflexão – em que a onda é emitida, encontra um obstáculo e, ao refletir, muda sua direção –, a difração prevê que a onda, após o encontro com determinado obstáculo, cria outros movimentos, entre os quais podemos citar: atravessar o obstáculo por pequenos orifícios (contração da onda), a transposição pelas margens da barreira, o rebatimento – não só mudando de direção, mas de forma, sentido, estrutura e outros aspectos. Donna Haraway (1997) e Karen Barad (2007) trabalham com a ideia de difração, criando uma analogia com os processos de conhecimento que buscam distanciar-se da lógica cartesiana, que nos leva a refletir. A reflexão, para as autoras, é uma forma de representação, tão somente. Porém, no fenômeno da difração é que as diferenças surgem.

<sup>3</sup> Senti-pensar-estarmo-sendo é outra difração trabalhada por mim, que une, de um lado, a ideia do gerúndio de Marlene Wayar (2021), o "vou sendo", em uma releitura por meio de "estamos-sendo", e, de outro, o "senti-pensar" de Raúl Ferrera-Balanquet (2015), quando o autor afirma que a colonização nos desproveu da possibilidade do sentir e do pensar, exercícios que devem ocorrer em concomitância, afinal relacionam-se mutuamente.

<sup>4</sup> Expressão depreciativa utilizada para referir-se às pessoas naturais da América do Sul.

<sup>5</sup> Na época da escrita do texto referenciado, o autor ainda não se compreendia enquanto um homem trans, razão pela qual coloco entre colchetes a autoria utilizada conforme trabalho citado à época de sua publicação.

**Financiamento**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

**Agradecimentos**

Agradeço à Professora Monique Heloísa de Souza pela revisão do texto, trabalho este realizado sempre com imensa dedicação, carinho e afeto.

**Sobre a pessoa autora**

**Will Paranhos** é uma corpa não-binária, defixa e macumbeira, filhe de Oxalufã e Iansã, protegide por Oxóssi e Xangô, tem Exú como grande guia. Militante dos Direitos Humanos, pai da Maya, estrela que hoje ilumina sua caminhada, da Luci e da Bethânia. Doutorande no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na linha de pesquisa Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestrie em Engenharia e Gestão do Conhecimento (aprovade com Louvor) pelo PPGECC da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professore em cursos de pós-graduação, nível lato sensu, na Universidade Positivo, no Centro Universitário UniBrasil e no Instituto Paulista de Sexualidade (InPaSex). Atualmente é técnique pesquisadore em ciências da educação no Grupo de pesquisa EDUSEX - Formação de educadores e educação sexual (UDESC/CNPq) e pesquisadore estudante no Giros Curriculares: currículo, cultura e diferença (CNPq/UERJ). Possui quatro especializações, dentre as quais a em Gênero e Diversidade na Escola (UFSC). Membre da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Educação (ANPEd) no GT de Currículo, onde também integra a Comissão de Diversidade, Acessibilidade e Ações Afirmativas (2024-2026). Consultore, palestrantie e (desin)formadore para instituições de ensino, organizações públicas, privadas e do terceiro setor. Possui experiência nas áreas de: currículo; estudos da diferença; processos de subjetivação e diferença; estudos subalternizados; estudos cuir/queer; gêneros e sexualidades; organizações e instituições de ensino saudáveis; formação docente; alfabetização e letramento. É autore de capítulos de livros e artigos em anais de eventos e periódicos nacionais e internacionais.

Email: [williamroslindoparanhos@gmail.com](mailto:williamroslindoparanhos@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4454-4272>.

Recebido em: 10/11/2023

Aceito para publicação em: 28/08/2024